

ARTIGO

A GRIPE ESPANHOLA NA ESPUMA DOS ANOS: ECOS DE UMA EPIDEMIA SEM FIM. SANTOS-SP, 1918-1938¹

ANNA CRISTINA RODOPIANO DE CARVALHO RIBEIRO

Historiadora e Doutora em Saúde Pública, Departamento de Política, Gestão e Saúde, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2473-109X>

MARIA CRISTINA DA COSTA MARQUES

Professora Associada do Departamento de Política, Gestão e Saúde, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2208-4271>

RESUMO: O artigo apresenta o impacto da Gripe Espanhola em Santos-SP, entre os anos de 1918 e 1938. Para tanto, por meio de operação historiográfica com vasto corpo documental, tensiona o discurso da excepcionalidade sanitária paulista, destaca a orfandade epidêmica e discute a evocação e reelaboração da memória epidêmica no processo histórico. Ao demonstrar como esta epidemia avança no tempo, aprofunda iniquidades e incorpora-se à estrutura social da cidade, o trabalho conclui que a Gripe Espanhola é uma epidemia sem fim e propõe a redefinição de seu tempo histórico oficial.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemias, Influenza Pandêmica 1918-1919, Saúde Pública/História, Perfis Sanitários/História, Brasil.

¹ Este trabalho é parte integrante das discussões presentes na tese de Doutorado Dos fios nas fibras, dos rastros nas fímbrias: Gripe Espanhola uma epidemia sem fim, 1918-1938.

THE SPANISH FLU IN THE FOAM OF THE YEARS: ECHOES OF AN ENDLESS EPIDEMIC. SANTOS-SP, 1918-1938

ABSTRACT: The article presents the impact of the Spanish Flu in Santos-SP, between the years 1918 and 1938. To this end, through a historiographical operation with a vast body of documents, it tensions the discourse of São Paulo's health exceptionality, highlights epidemic orphanhood, and discusses the evocation and reelaboration of epidemic memory in the historical process. By demonstrating how this epidemic advances in time, deepens inequities and is incorporated into the social structure of the city, the work concludes that the Spanish Flu is an endless epidemic and proposes the redefinition of its official historical time.

KEYWORDS: Epidemics, Pandemic Influenza 1918-1919, Public Health/History, Health Profiles/History, Brazil.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v84p117-143>

Recebido em: 09/06/2025

Aprovado em: 22/08/2025



1. A epidemia de Gripe Espanhola de 1918 em Santos

Causadora de dezenas de milhões de mortes no planeta, a Gripe Espanhola desembarcou no Brasil na primavera de 1918, aportando no Rio de Janeiro, então capital federal, a bordo do navio S.S. Demerara, vindo de Liverpool, em 14 de setembro de 1918, após fazer escalas em Lisboa, Recife e Salvador. Do mar ao sertão, em diferentes fluxos, a epidemia invadiu o país em sua forma mais virulenta e contagiosa, castigou populações e desafiou a interiorização das ações de saúde projetadas pelo Serviço Sanitário de São Paulo.

Na cidade de Santos – litoral paulista-, principal porto exportador da produção cafeeira do país, porta de entrada de imigrantes e com ações locais e estaduais desde o final do século XIX no combate à insalubridade e às epidemias, a chegada da Gripe Espanhola se deu pelo atracamento de navios oriundos da capital federal, fazendo dos trabalhadores portuários suas primeiras vítimas (Marques, 2020).

Sede de uma das Delegacias estaduais de Saúde criadas pelo Diretor do Serviço Sanitário de São Paulo, Arthur Neiva, durante a reorganização do órgão e em substituição à Comissão Sanitária local (Ribeiro, 1993; Mota, 2005), Santos viveu a efeméride epidêmica antes mesmo que a peste ancorasse na cidade.

Desde fins de setembro de 1918, Santos e sua gente construíam imagens e percepções sobre os riscos da Gripe Espanhola pela intensa circulação de notícias sobre a epidemia na capital federal. A atenção voltava-se às movimentações da Diretoria Geral da Saúde Pública (DGSP) — que excepcionalmente unificara os serviços de higiene municipal e federal —, e sobre os desdobramentos da doença na capital paulista, onde centralizava-se o Serviço Sanitário de São Paulo (SSSP).

Telegramas enviados pelo Diretor da DGSP, Carlos Seidl – que considerava a epidemia de “espírito caprichoso e vagabundo” —, orientavam a Inspetoria de Saúde do Porto sobre a ineficácia da quarentena e a adoção de medidas profiláticas. Entre as ações, a rigorosa assepsia da boca e das fossas nasais, aplicação da vacina antivariólica e controle do medo, que suprimiria a resistência orgânica da população (A influenza [...], 1918a, p. 2).

Por sua vez, os jornais da cidade publicavam mezinhas e oportunidades de ocasião - como a venda de suspiros pela doceria “A Leoneza”, que propagava a guloseima como profilática pelos limões e claras de ovos na receita-, juntamente às notas sobre a perda de guarnição das fronteiras e o risco de paralisação das atividades portuárias e comerciais. Notas que advogavam contraditoriamente pelo “carácter benigno do terrível mal”, como argumento à manutenção de “braços em riste” na estiva e na defesa do porto:

Quando, ha dias, noticiamos, em primeiro logar, que a "hespanhola" estava grassando nesta cidade, bem previamos que o mal não tardaria a alastrar-se. E não nos enganamos. (...) Ainda hontem varios empregados da Companhia Docas e Companhia Central de Armazens Geraes foram atacados do terrível mal que se está manifestando, felizmente, com caracter benigno. (...) Urge, pois, que sejam tomadas energicas providencias tendentes a evitar que o mal se propague. Em toda a cidade se têm registrado casos, de mais ao menos gravidade. Os ternos de café estao sendo desfalcados, e o numero de trabalhadore da Companhia Docas enfermos ascende já a 200. (...) Como se vê a "influenza" está grassando com extraordinaria intensidade (A influenza 1918b, p. 2).

Contudo, se inicialmente a imprensa manteve-se polida quanto à cobrança de ações dos poderes constituídos, por outro, instigava o clamor dos leitores ao publicar cartas como a de um Deputado carioca que narrava visões mefistofélicas sobre a Gripe Espanhola, na capital federal.

Ao divulgar o relato do Deputado carioca na íntegra, o jornal intencionalmente apresentava ao leitor uma antessala às imagens fantasmagóricas que retratariam Santos, se a inação persistisse:

(...) não havia um só serviço de Hygiene Publica organizado na cidade. O clinico era só o dos particulares. de ambulancia e assistencia - só o Municipal, que foi modelar, mas hoje está em completo desapparelhamento. De assistencia hospitalar, só o pandemonium infernal da Santa Casa que, riquissima, accumulada de favores e privilegios, é absolutamente insufficiente. (...) vi eu que os que morriam e não eram removidos alli ficavam - entremelando os vivos por 4 e 5 dias desmanchando-se e a exalar horrendo e insuportavel mal odor. (...) num cemiterio permaneceram insepultos, empilhados e espalhados no solo muitos milhares de criaturas humanas de ambos os sexos e de todas as classes, apodrecendo ao léo (...) já com os membros desfeitos, em lama fétida (...) Milhares entraram a cova sem qualquer registo de obito, de modo que as relações civis dos sobreviventes perderam definitivamente regularidade e documentação. Nas ruas, foi espetaculo habitual chegarem grupos que abandonavam nas calçadas e nos asfaltos cadaveres já repugnantes de podridão e roidos de

deformidade (...) Homens, diante destas scenas infernaes, sinistras e apavorantes, vararam os craneos com balas de revolver e mulheres, endoidecidas, incendiaram as vestes e morreram. Não um nem uma: muitos. Loucos andavam nas ruas fugindo a arrastar mortos. Tal foi o quadro que o exagero do mal e a dramatica incuria governamental tornaram de uma assombrosa evidencia (Nascimento, 1918, p. 2, grifos meus).

Todavia, os brados sobre a epidemia no Brasil, não garantiram que a Delegacia de Saúde de Santos, sob a responsabilidade do médico Guilherme Álvaro, dispusesse de reforços à defesa do porto ou aparelhamento de leitos no Hospital de Isolamento. Nem mesmo que houvesse prévia organização assistencial nos bairros empobrecidos, adensados e com alta presença da tuberculose - onde indubitavelmente a Gripe Espanhola faria suas maiores vítimas.

Os ecos epidêmicos não impediram que Arthur Neiva, chefe do SSSP, enviasse tardivamente ordens e recursos a Guilherme Álvaro no socorro à população santista. Situação que é possível apreender em Relatório Oficial de Guilherme Álvaro ao seu Superior:

Até meiodos de outubro de 1918 foi bem satisfactorio o estado sanitario de Santos: na segunda quinzena daquele mez, porem, a gripe que havia surgido no Rio de Janeiro em violenta epidemia, começoou a se desenvolver na nossa cidade, grassando intensamente, em forte rajada, do dia 16 do mez em deante. Desde o dia 15 que a bordo dos navios de guerra Floriano e Carlos Gomes, atracados ao Cáes, a doença principiára a lavrar, determinando a vinda de grande numero de tripulantes e de officiaes para o Hospital de Isolamento, apparelhado às pressas para aquella superlotação, por ordem do Governo de S.Paulo. (...) Benigna a principio, a doença proseguiu no seu rapido alastramento, ganhando ao mesmo tempo gravidade maior(...) Em Santos, como em todas as grandes cidades, foram os quarteirões populares aquelles que mais sofreram com a doença, pagando mais pesado tributo de vidas o Macuco, o Campo Grande e os morros, principalmente o primeiro destes arrabaldes (Álvaro, 1919, p. 167-168).

1.1 A arrebentação epidêmica

A Gripe Espanhola foi reconhecida oficialmente como epidemia local em 16 de outubro de 1918, mesma data em que o jornal “Diario de Santos” publicou instruções da Secretaria do Interior – pasta do governo estadual paulista- à população. A esse tempo, a doença já infectara mais de 7.000

pessoas na cidade, interrompera aulas e suspendera visitas aos internados na Santa Casa, cuja superlotação e contágio grassava pelas enfermarias.

Em seu Relatório ao SSSP, o Delegado de Saúde Guilherme Álvaro - ainda que em tom elogioso e em defesa da excepcionalidade paulista-, descreveu que a previsão e provisão de leitos, remédios e médicos na capital paulista, dera-se em prejuízo do desaparelhamento das demais Delegacias de Saúde capilarizadas pelo estado, dentre elas a de Santos.

E para dar causa ao seu atraso em dispor de leitos aos santistas no Hospital de Isolamento, o Delegado de Saúde de Santos lançou a responsabilidade aos gripados e seus costumes. Entretanto, Guilherme Álvaro não deixou de esclarecer que mesmo que os tivesse disposto prontamente, os leitos estariam atrasados e seriam insuficientes à população:

O publico [na Capital paulista] ali deixou vasia metade dos oito mil leitos preparados pela previdencia e providencia do Serviço Sanitario, preferindo os doentes fazer o tratamento em seus domicílios, ainda que soffrendo todos os inconvenientes da falta de medicos e de remédios, decorrentes da situação cheia de difficuldades que se atravessava. Conhecedor dos usos e costumes santistas, tendo assistido ao incêndio no Rio de Janeiro e prevendo a rapidez da onda em marcha, julgámos preferencialmente (?) auxiliar a população sofredora, fornecendo-lhe recursos levados aos domicílios, ao em vez de começar a montagem de hospitais, cujo funcionamento chegaria tarde e pouca gente attenderiam (Álvaro, 1919, p. 169-170).

Nesse ínterim, a imprensa santista – de forma mais ou menos contundente – passara a acusar as medidas do SSSP de extemporâneas e a repreender a omissão do Delegado de Saúde de Santos, Guilherme Álvaro, frente à crise sanitária (A influenza [...], 1918c, p. 2.; Influenza [...], 1918a, p. 1).

Simultaneamente às críticas, jornais publicizavam os préstimos da Santa Casa de Misericórdia, da Sociedade Portuguesa de Beneficência e da Cruz Vermelha de Santos, Corpo de Bombeiros, Asilo de Orfãos, Tiro Naval e Tiro 11. Referiam o socorro médico, o aviamento de receitas, a distribuição de remédios e alimentos e a organização assistencial prestados pelas instituições, ao passo em que conclamavam à arrecadação de recursos organizada pela Associação Comercial (Cruz [...], 1918a, p. 1).

A filial da Cruz Vermelha em Santos, que ao início da epidemia cancelara o atendimento em seu Dispensário e em sua Escola de Enfermagem, assumiu o fornecimento de enfermeiras voluntárias aos

hospitais para gripados, o levantamento de recursos e automóveis para ambulância e o apelo diário à classe médica pela gratuidade de consultas (Cruz [...], 1918b, p. 2; Cruz [...], 1918c, p. 2; Cruz [...], 1918d, p. 1).

Para isso, a Cruz Vermelha tomou como contrapartida, a lembrança aos esculápios de que se tratava da clientela que ainda lhes restava fiel à ciência:

A Cruz Vermelha faz um appello á distincta classe medica de Santos, solicitando uma hora por dia do seu valioso concurso em prol de todos aquelles que recorrem a esta instituição pedindo lenitivo aos seus sofrimentos pela fé inabalável na sciencia (Cruz [...], 1918e, p. 1).

Com a exploração dos víveres e a desordem no avimento de receitas e no fornecimento de fórmulas, devido às diferentes terapêuticas prescritas pelos médicos, a Municipalidade instituiu postos de assistência médica e alimentar nos arrabaldes de Santos “onde é mais densa a população pobre da cidade”, ficando cada um dos postos a cargo de um ou mais vereadores (Influenza [...], 1918b, p. 1).

Importante ressaltar, que o desencontro entre teses, profilaxias e terapêuticas em torno da Gripe Espanhola, em certa medida refletiam e fomentavam os embates e a sobreposição das teorias miasmática e bacteriana. Cenário explicitado na angústia de que as águas e os ares fétidos do populoso, pobre e contaminado bairro do Macuco, pudessem alcançar outras zonas da cidade pelas rajadas de vento noroeste:

Chega ao nosso conhecimento o máo estado de certos terrenos proximos a habitações e em bairro já assolado pela epidemia que vai, impiedosa, ceifando vidas continuadamente.

Diz-nos um missivista que estão em estado lastimavel os terrenos que ficam na rua Henrique Ablas, entre as de Campos Mello e Silva Jardim, no bairro do Macuco, portanto.

Estão transformados em pantanos, focos de miasmas, que bem podem concorrer para maior desenvolvimento da gripe. (...) apontamos o perigo á Delegacia de Saude e á Prefeitura Municipal, para que procurem ambos os poderes conjugar esforços no sentido de evitar que a lagôa infecta que nos denunciam, se transforme em vasto laboratorio microbiano, se mudar a temperatura e soprar sobre a cidade o noroeste (Um perigoso [...], 1918, p. 2).

Com oficialmente mais de dois mil casos novos por dia, aumento vertiginoso de óbitos e de suicídios pela febre gripal ou pelo receio dela — destacadamente entre pauperizados, o acesso aos profissionais ou

prestadores de serviços de qualquer espécie se tornou inviável, inclusive aos coveiros que caíram mortos ou adoecidos pela cidade.

Quadro que levou à proibição de visitas às necrópoles e à fuga de detentos, que foram forçados pela Polícia para realizar enterramentos no Cemitério do Saboó, se aproveitaram do cochilo dos guardas para rumar à liberdade. O decréscimo epidêmico só passou a ser sentido após 3 semanas de contágio ininterrupto, quando 2/3 da população santista se contaminara (Suicídio [...], 1918, p. 2; As visitas [...], 1918, p. 2).

Quando “o mal se tornara generalizado e já não havia em Santos uma só casa que não tivesse pessoas atacadas da enfermidade” (Influenza [...], 1918a, p. 1.; Álvaro, 1919, p. 171), a cidade recebeu a visita de Altino Arantes, Governador paulista, e de Oscar Rodrigues Alves, seu Secretário do Interior.

As autoridades estaduais tomaram conhecimento das providências para debelar a epidemia em Santos, e acompanharam o Prefeito em exercício, Coronel Montenegro, às dependências hospitalares da cidade. Nas enfermarias encontraram lotação dobrada, muitas delas assistidas pela chegada dos estudantes da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo à Santa Casa de Misericórdia de Santos (Álvaro, 1919).

Na mesma medida em que as publicações de capa do “Diario de Santos” evidenciavam o avanço epidêmico e a escalada de mortes nas cidades do Rio de Janeiro, Santos e São Paulo, os editoriais transpareciam o desgosto pela ausência de um plano de contenção. As informações sobre os prejuízos econômicos na região litorânea, tornavam-se reveladoras dos temores sobre o presente e o porvir da cidade:

Affectando todas as classes, a influenza se alastrá e dizima existencias uteis e preciosas.

Ora, diante das circunstancias tão prementes, e que a todos, sem excepção de ninguem, diz respeito, são as classes productoras, aquellas que mais de perto vêm sentir a perturbação e a paralisação do trabalho. Se as cousas se conduzissem de modo a poder ser revezado o serviço, e uma turma substituisse a outra, quando attingida pela epidemia, é provável que embora limitado, o trabalho não cessasse, satisfeitas assim as necessidades imperiosas do commercio e do publico; mas, infelizmente, isso não succede, e com a cegueira do inconsciente, a peste alcança aqui um, ali dez; mais adiante cem.

Na impossibilidade, pois de regularizar a marcha da molestia e distribuir a sua acção, cabe ao homem intelligente e previdente aparar-lhe os golpes.

Com o grande numero de doentes de gripe, muitos auxiliares do commercio nesta cidade, têm sido arredados do serviço activo,

augmentando deste modo a tarefa e o esforço dos que ficam, sujeitos a um trabalho exhaustivo e extenuante e que favorece o acesso do mal e a sua gravidade.

Em tales emergenciais; seria de toda conveniencia a decretação de férias para os trabalhadores em geral, de sorte a lhes ser permitido o repouso e com elle a restauração das forças e energias. (...)
(O que se impõe [...], 1918, p. 1).

Nessa condição, com a justaposição da tuberculose que se espalhava com a epidemia entre miseráveis e famélicos (Doença [...], 1919, p. 1), e em meio à mortandade de gripados, a Municipalidade se viu obrigada a adquirir terreno para ampliar o Cemitério do Sáboá (Pela edilidade [...], 1919, p. 4). Sendo digna de destaque, a menção que o Delegado de Saúde de Santos fez sobre os que contraíram tuberculose no período:

Das outras doenças transmissíveis, a tuberculose foi a que, como sempre, causou mais estragos (...) O operariado de Santos vive num meio mão, alimenta-se defeituosamente e abusa, geralmente, das bebidas alcoólicas, em quem pensa encontrar vigor e energias para o trabalho, ou consolo para as magras e contrariedades da vida (Álvaro, 1919, p. 148).

1.2 Entre recuos e ressacas epidêmicas

Em novembro de 1918, o Asilo de Orfãos – ligado à benemerência maçônica – passou a socorrer crianças gripadas do bairro do Macuco, sob préstimos de internas mais velhas frequentadoras do curso de Enfermagem do Asilo, com supervisão de religiosa enfermeira. No mesmo mês, a entidade assumiu preparo e distribuição de caldos, café e pão aos moradores do entorno, com a ajuda dos atiradores do Tiro nº 598, momento em que a epidemia atingiu seus internos somando 175 crianças contaminadas (Vieira, 2011).

Paralelamente aos préstimos ofertados pelo Asilo de Orfãos, iniciou-se construção de novo pavilhão nesta instituição destinado às crianças que perderam seus pais para a Gripe Espanhola, com recursos angariados pela Associação Comercial de Santos (A Grippe [...], 1918a, p. 1).

A essa altura, Guilherme Álvaro, preocupado em afirmar a presteza e organização dos serviços do seu pessoal às mais diferentes localidades sob circunscrição da Delegacia de Saúde de Santos, narrou em Relatório Oficial

envio de médicos comissionados, medicamentos e provisões em socorro às populações afastadas.

O Delegado de Saúde discorreu em Relatório, socorro aos habitantes de Bertioga e aos núcleos de povoação aos lados da linha da estrada de ferro inglesa, desde o Cubatão até o Alto da Serra. Também atestou presença de seu pessoal em Iguape, Juquiá e Prainha, além de Xiririca Itanhaém, Peruíbe, Itariri, Ana Dias e outros pontos marginais da estrada de ferro Sul de S. Paulo, alcançando ainda as cidades de São Sebastião, Vila Bela, Caraguatatuba e a Ubatuba (Álvaro, 1919).

Entretanto, a imprensa santista mostrou em seguidas matérias situação completamente oposta ao sucesso descrito por Guilherme Álvaro, em seu Relatório ao SSSP, sobre a empreitada sanitária no litoral paulista...

Os apelos insistentes em sucessivas edições de “A Gazeta do Povo” ao Delegado de Saúde de Santos, desnudavam o abandono da população de Juquiá, pequena vila situada ao término da estrada de ferro São Paulo Railway e à margem do rio de mesmo nome, desprovida de recursos e cujo vasto e longínquo distrito encontrava-se sob circunscrição da Delegacia santista.

Segundo denúncias de “Diário de Santos” (A gripe [...], 1918b, p. 2) e de “A Gazeta do Povo”, o distante povo de Juquiá morria aos montes e às moscas sem assistência médica, hospitalar, medicamentosa ou alimentícia:

Foi nesta pobre gente que a gripe estabeleceu seu campo de destruição, victimando já cerca de 30 pessoas. (...) Estão os habitantes de Juquiá entregues á sua sorte e aos azares da molestia. De Iguape não pode receber soccorro urgente da sciencia, já pela dificuldade de communicação mesmo porque os medicos não podem deixar a cidade que tem doentes em demasia para serem tratados.

Para vir de Iguape á Juquiá são precisos dois dias de viagem a vapor. Portanto os socorros para Juquiá só podem ser enviados de Santos, pela estrada de ferro que leva 7 horas de viagem. O sr. Delegado de Saude esperamos que tome immediatas providencias para socorrer a população de Juquiá, pois s.s. sabe que ao dr Martins Fontes é impossível attender toda a vasta região do municipio de Iguape.

Appellamos, pois, para s.s (A gripe [...], 1918c, p. 4).

No afastado bairro Bocaina, segundo reportagem do jornal “Diário de Santos”, a Gripe Espanhola também acometera seus moradores junto à permanente desassistência médica e sanitária:

Na Bocaina

A população deste bairro está alarmada com a "grippe" que apareceu com uma certa intensidade.

Dado o facto de não haver alli um posto medico, e os moradores lutarem com certas difficuldades, podem estes casos, mais tardem tornarem-se fataes. (...) Vivendo, como vivem, a maior parte dos moradores em casebres, sem hygiene e conforto, casebres estes que não possuem, como devem possuir, gabinetes sanitarios, é mais do que certo que a "grippe" da maneira que está caminhando, em breve dissipará nos pobres moradores dalli, que nem bem lembram-se de que o mal que os ataca pode mais tarde ceifar-lhes a vida (Na Bocaina [...], 1918, p. 1).

Frente aos constantes chamamentos da imprensa, a Vila de Juquiá recebeu auxílio sanitário após o declínio da epidemia em Santos — sede da Delegacia estadual. Entretanto, as medidas não se mostraram efetivas para salvar a população pauperizada e relegada ao próprio destino.

Tragédia anunciada pelos jornais “Diario de Santos” (A gripe [...], 1918d, p. 1) e “A Gazeta do Povo”:

O mal prossegue destruidor e as victimas vão se multiplicando, a fome ameaça o povo que não pode tratar de sua laboura, seu unico meio de vida. (...) Os medicos, escalados para combater a grippe naquella zona, installaram, na Villa de Juquiá, um hospital dentro da Igreja, porem os doentes ali só poderiam ser curados pela graça de Deus, pois os facultativos lá não mais apareceram e os doentes tiveram de se ausentar do templo para procurar algum tratamento em suas casas. Este facto por si só basta para se aquilatar do soccorro que recebeu o povo doente de Juquiá, por parte dos medicos para ali escalados. O sr. Delegado de Saude precisa mandar installar um posto de soccorro na propria villa de Juquiá, pois não é possivel que S.S. assista de braços cruzados, a destruição daquella pobre gente, que tem direito tambem a viver, com tem as outras (Pelo amor [...], 1918, p. 1).

As frequentes críticas à apatia do Delegado de Saúde de Santos durante a Gripe Espanhola, levaram Guilherme Álvaro a se manifestar na imprensa santista em autodefesa. Quando então argumentou que o Hospital de Isolamento de Santos não fora aberto à população, por destinar leitos a marinheiros e tripulantes de vapores, aos médicos e estudantes de medicina e aos que poderiam vir a ser acometidos por outras doenças infectocontagiosas.

Nessa manifestação, Guilherme Álvaro afirmou que mesmo com permissão estadual para contratação de pessoal e de recursos para debelar a epidemia, mantivera-se atado, dada ausência de meios sanitários, assistenciais e medicamentosos disponíveis. O que afinal, atestou tanto a

retenção, quanto a escassez de ferramentas do Serviço Sanitário de São Paulo às Delegacias de Saúde dispersas pelo território paulista.

Por fim, para referendar sua justificativa e seu empenho à frente da Delegacia de Saúde de Santos durante a Gripe Espanhola, Guilherme Álvaro recorreu aos testemunhos da Cruz Vermelha, do Tiro 11 e do Tiro Naval, o que tornou patente a fragilidade de sua fé pública e a projeção social que as demais entidades angariaram durante a crise instalada pela epidemia (Uma carta [...], 1918, p. 2).

1.3 O rescaldo epidêmico

Ao final de novembro de 1918, as escolas de Santos já se encontravam desinfetadas pela Delegacia de Saúde local (A grippe [...], 1918e, p. 1.; Álvaro, 1919), e enviavam-se reforços sanitários para a cidade litorânea de São Sebastião — ainda que sob protestos da imprensa, que indicava não serem mais necessários devido ao término da epidemia naquele município (A grippe [...], 1918f, p. 1).

Porém, a mesma atenção não se deu às vidas da distante Juquiá. Mesmo diante das afirmações de Guilherme Álvaro sobre o envio sistemático de remédios e assistência médica (Influenza [...], 1918c, p. 6), seus moradores continuaram a ser dizimados pela Gripe Espanhola e pela falta de socorros no decorrer do mês de dezembro:

O hospital que funciona na Egreja foi fechado, os que estavam internados postos na rua, os medicos que lá andavam passageiramente recolheram-se a Santos e a molestia fico flagellando o povo. De Juquiá-acima como se diz ali, todos os dias chegam cadáveres e a molestia inutiliza os pobres lavradores que se vêem privados de angariar seu unico meio de vida, o producto da laboura.

Para quem appellar? A Delegacia de Saude de Santos diz que manda recursos e deixa os doentes morrerem no abandono!...

O sr. dr. Guilherme Alvaro que exerce o cargo de Delegado de Saude, precisa e deve providenciar livrar os habitantes de Juquiá desse flagello (A grippe [...], 1918g, p. 1).

Ao recuo da epidemia em Santos, o Delegado de Saúde apresentou como números oficiais 80.000 pessoas gripadas e 853 óbitos entre os moradores da cidade. Também apontou aumento da mortalidade pela tuberculose, sendo maior quantidade de vítimas fatais nos bairros populares

do Macuco, Campo Grande e nos morros, tendo em vista a tísica encontrar-se presente em grandes índices nesses aglomerados urbanos.

Por sua vez, em Relatório à Assembleia Geral da Santa Casa de Misericórdia de Santos, Antonio de Freitas Guimarães Sobrinho – seu Provedor –, demonstrou os impasses travados com a Delegacia de Saúde de Santos na batalha contra a Gripe Espanhola. Embates que cercaram distintos entendimentos sobre isolamento dos gripados, abertura de leitos e de hospitais provisórios e envio de socorro aos lugares mais afastados:

A primeiro de Outubro de 1918, deram entrada no nosso Hospital, alguns marinheiros de bordo do vapor nacional "Avaré" com symptomas de gripe (...) o Sr. Dr. Thomaz Catunda, DD Director Clinico do Hospital, levou o facto ao conhecimento do Dr. Director da Saude Publica, esperando que Sua Senhoria providenciasse imediatamente a internação dos doentes no Hospital do Isolamento. Ou porque o Snr. Dr. Guilherme Alvaro julgasse o apparecimento da gripe sem a importancia que os seus outros collegas lhe davam, ou por qualquer outro motivo que desconhecemos até esta data, os doentes aqui continuaram e contaminaram o nosso Hospital.

A negação da abertura do hospital do isolamento nos forçou a dar entrada a novos grippados e dentro de poucos dias a contar de 14 de Outubro, as entradas multiplicavam-se, de modo que chegámos a angustiosa situação de hospitalizar cerca de 600 enfermos num hospital com capacidade para cerca de 300. Foi quando o Exmo, Snr. Presidente do estado veio á Santos, visitou o nosso Hospital e verificou, de visu, a extensão do mal (...)

Recorremos ao Governo do Estado e o Snr. Dr. Director Clinico ao Director da Faculdade de Medicina, o ilustre scientistista Snr. Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, pedindo socorros medicos. (...)

Creamos mais um hospital na bocaina que recebeu o nome do nosso prestitoso Irmão Benedicto Pinheiro e postos de socorros no Macuco, em Villa Mathias, no Campo Grande e na Santa Casa.

Nomeámos os seguintes irmãos e amigos para, constituidos em Comissões, levarem socorros em dinheiro, em remedios e em generos aos enfermos existentes nos logares mais afastados e que delles precisavam (...) Para esse dispendio nos utilisámos de uma parte dos donativos recebidos durante a pandemia (...) (Guimarães Sobrinho, 1920).

O documento assinado pelo Provedor da Santa Casa de Santos, é indicativo da relevância política e financeira desfrutada pela cidade portuária, que recebeu visitas do governador estadual Altino Arantes e de seu Secretário do Interior — pasta onde encontrava-se lotado o SSSP. Ao passo em que, a presença das autoridades estaduais para averiguar a gravidade epidêmica e as ações tomadas para mitigação do mal, descortinam ruptura institucional sobre as competências da Delegacia de Saúde santista no recorte gripal.

Em oposição ao brilhantismo narrado por Guilherme Álvaro em seu Relatório ao SSSP, o Delegado de Saúde surge no documento da Santa Casa como figura faltosa e incompetente, responsável pela proliferação da epidemia e pelas perdas no corpo clínico do hospital. Nas palavras do Provedor, é possível vislumbrar como a direção do Delegado tornou-se subsumida com a interposição do Secretário do Interior e com os pedidos de préstimos feitos pela Santa Casa diretamente à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo - e prontamente atendidos pelo médico Arnaldo Vieira de Carvalho -.

Na esfera das representações, fundamental reter que com a proibição de visitas aos cemitérios no dia de finados e com a consternação que se abatera sobre a cidade, o luto foi apreendido e transfigurado pela Cruz Vermelha de Santos, por meio do pedido de esmolas. Sob a égide da caridade, a instituição solicitou aos enlutados doações em nome de seus mortos para prover alimentação e remédios aos descarnados que amparava.

Com interesses explícitos, a Cruz Vermelha de Santos garantia aos doadores que a manutenção de dieta saudável aos depauperados repercutiria na contenção de recaídas epidêmicas e da recuperação de forças ao trabalho, o que evitaria novas ondas de contágio:

(...) Torna-se, pois, imprescindível insistir na questão da dieta e hygiene, o que uma vez rigorosamente observado em pouco tempo livrara a nossa cidade da epidemia.

A Cruz Vermelha espera que, no dia de hoje, quando em épocas normaes se presta homenagem da saudade aos mortos queridos, atropetando de flores a sua ultima morada, sejam essas homenagens transformadas pela flora eterna da Caridade em donativos a esta instituição, derramando, assim, em recordação daquelles que se foram para o Além, a saude aos infelizes que para a Cruz Vermelha appella, como mãe unica e que ao símbolo augusto de sua bandeira imploram os meios de mitigar suas necessidades. É esta a mais grata e piedosa homenagem da saudade que se pode prestar aos mortos queridos, numa época como esta, em que em cada canto ha uma dor á espera de lenitivo e um sofrimento á espera de um balsamo consolador (A Cruz 1918, p. 2).

Tal negociação de interesses, permitiu que após a crise sanitária se aprofundasse a culpabilização da gente pobre e moradora de bairros insalubres de Santos, sob acusação de que a falta de educação e de higiene que lhes cercava proliferaria e propagaria doenças pela cidade.

Ao longo do mês de novembro de 1918, enquanto a febre epidêmica arrefecia no centro urbano litorâneo por falta de combustão, a Gripe Espanhola recrudescia no planalto. A epidemia avançava sua marcha, aumentava a mortalidade na capital paulista e espalhava-se pelo interior e seus sertões em localidades como Juparaná, Rio Bonito, Taboas, Santa Clara, Valença, Rio Preto... (Notas [...], 1918a, p. 2).

Nesse período, em meio às efusivas manifestações populares ao Cel. Joaquim Montenegro— prefeito em exercício e presidente da Cruz Vermelha local e do Tiro Naval (Manifestações [...], 1918, p. 2) — o Delegado de Saúde de Santos reencarnou sua postura hierárquica e agradeceu à Cruz Vermelha de Santos "pelos serviços prestados á Delegacia de Saúde, durante a gripe" (Alvaro, 1918, p. 2).

Na azáfama pelo que lhe caberia no panteão assistencial da Gripe Espanhola, Guilherme Álvaro tomou para si a autoria de ter congregado, organizado e delegado ações e meios assistenciais entre as instituições e esferas locais durante a crise sanitária. Também se preocupou em cristalizar discurso de compaixão e harmonia entre os atores socorristas da cidade:

(...) nos apraz reconhecer o quanto acertamos unindo, irmãmente os nossos esforços aos da Prefeitura de Santos, já por meio de collegas que puzemos á sua disposição, já entregando-lhes recursos de que iamos dispondo e que eram distribuidos pelos bravos voluntários dos Tiros com inolvidáveis inteligência e dedicação (Alvaro, 1918, p. 2).

Intento conquistado pelo médico, considerando que pouco mais de uma década após a Gripe Espanhola, o Delegado de Saúde foi assim lembrado pelo "Diário de Santos", em reportagem de capa no Dia de Tiradentes:

Na epidemia da gripe espanhola [Guilherme Álvaro] agiu com superioridade. Escreveu diversas obras sobre assuntos higiênicos, destacando-se entre eles - "A Campanha Sanitária em Santos", revelando-se escritor perfeito e de raros conhecimentos científicos. Faleceu em São Paulo a 19 de Dezembro de 1930. É um nome digno da veneração e da saudade do povo santista (Concurso [...], 1931, p. 1).

Mesmo decretada finda oficialmente, a Gripe Espanhola seguiu seu curso em regiões litorâneas afastadas como a Jureia - comprendendo Barra da Ribeira, Suamirim, Prelado, Rio Verde, Rio Comprido e Una-. Outras localidades do interior paulista continuaram a sentir seus estragos como

Lorena, Amparo, Jacareí, Cosmópolis e Santa Rita do Passa Quatro, e entre as guarnições de São Paulo e Rio de Janeiro, avançando em nova onda epidêmica sobre a capital federal no ano de 1919 (De Iguape [...], 1919, p. 2.; A Influenza [...], 1919, p. 2.; A grippe [...], 1919, p. 1).

Faltando 01 mês para o Natal de 1918, o “Diário de Santos” tornou pública carta assinada pelo pseudônimo de "S", intitulada “Providencias de ordem social” ao lado do subtítulo “As sobras do ...Resto”, recebida pela redação vinte dias antes:

Com a epidemia reinante, ficaram a desamparo innumerias crianças de ambos os sexos. Estas infelizes criaturas, privadas do carinho e assistencia de seus paes, estarão á mercê dos azares da sorte e do infortunio, se mãos fortes e bemfazejas não as guiarem e conduzirem.

Os asylos de orphãos, os recolhimentos e creches que possuimos, são insuficientes, por seu numero e por seus recursos, para attender as necessidades e educação dos pequenos abandonados. (...)

Ao desemparo, sujeitos aos caprichos da sorte, inexperientes e fracos, os inumeraveis orphãos que a epidemia espalhou por este vastissimo Brasil, ou serão tragados pela miseria e seu companheiro inseparavel, o vicio (...) Não devemos, para semelhantes e gravissimos casos, confiar na caridade *commum* e *individual* (...)

Aos poderes publicos, aos governos, da União, dos Estados e dos Municipios, e no exercicio de suas funcções tutelares, e com recursos perennes do erario publico, é que cabe o dever de intervir, de modo e de forma a, com a criação, installação e manutenção de asylos, orphanatos e estabelecimentos identicos e similares, zelar efficazmente pelos orphãos, amparando-os, educando-os e instruindo-os até a maioridade, numa palavra, apparelhando-lhes o futuro (As sobras [...], 1918, p. 1)

O ano de 1918 terminava na cidade portuária...Das sobras do resto, a orfandade epidêmica...

Inserida como debate na Questão Social e de como o Governo repousaria as mãos sobre seu destino, à orfandade epidêmica coube as sobras dos restos da infância interrompida...

Tomada como mal à espreita, tal qual ameaça de nova moléstia invasora que encontraria não só a parca defesa sanitária, mas agora um corpo social esgarçado, a orfandade pela Gripe Espanhola atravessou a espuma dos anos como testemunho vivo dos dias lúgubres trazidos pelo mar...

2. A Gripe Espanhola na travessia do tempo...

A memória da Gripe Espanhola em Santos atravessou as décadas, foi reconvocada como modelo assistencial e instrumentalizada para validação de instituições socorristas e para defesa de suas fronteiras.

No campo assistencial, a Cruz Vermelha de Santos - que fora alçada à benemérita instituição da cidade-, garantiu capital social para continuar suas obras e fomentar subscrições das mais diversas naturezas (Porque recrudece [...], 1918, p. 2).

Por seu turno, a atuação do Asilo de Orfãos no socorro epidêmico retroalimentou e sustentou sua existência centenária, em nome da caridade e da filantropia.

O desempenho do Asilo de Orfãos no socorro gripal legitimou sua relevância assistencial e atendeu anseios e receios das camadas que enxergavam no menor desamparado risco à modernidade e à ordem. Sua existência consolidou-se como solução de contenção social pela educação, trabalho e normatização das infâncias abrigadas.

Nos anos seguintes, a Gripe Espanhola manteve-se evocada pela Imprensa santista, na publicização do medo e de exigências por uma política efetiva de vigilância sanitária nos portos, juntamente à defesa ostensiva das fronteiras do país:

Amiudam-se os casos de gripe e a população se inquieta. (...) Tal facto aconselha um meticoloso rigor de previsão e prevenção. Porque a emocionante hecatombe de 1918 foi uma lição dolorosa que o tempo não conseguiu apagar. Também aquelle chamado pandemonio teve origem em causas que, por determinadas tardivamente, resultaram nos lutoosos acontecimentos que abateram o animo de um milhão e quatrocentas mil almas (Cartas [...], 1925, p. 1).

As inquietações na imprensa, resultaram vez que outra em manifestação das autoridades de Saúde Pública, tanto para apaziguar a comoção popular, quanto para corroborar com o conhecimento científico. Ou mesmo para referendar atribuições e dispositivos de intervenção, como os do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) — órgão criado em 1920, em substituição à DGSP após sua malfadada atuação na crise epidêmica.

Nesse contexto, autoridades sanitárias despistavam do tempo presente e lançavam ao tempo futuro os riscos de outra pandemia gripal, o que ao fim e ao cabo, avalizava a longevidade das ações de controle cada vez mais autoritárias do DNSP:

Rio, 30 - Entrevistado por um vespertino, o sr Carlos Chagas, director da Saude Publica, sobre o apparecimento da gripe em varios paizes e se ha motivos para temor, aqui, declarou sua exc. que não, absolutamente. Accrescentou que as autoridades sanitarias maritimas se mantém vigilantes e estão habilitadas para agir permanentemente. Não ha motivos para temores. As medidas prophylacticas em vigor não admittem os receios manifestados. (...)

Não ha motivos para prever que se reproduza o surto epidemico de 1918. Por emquanto as experiencias, as observações scientificas revelam que os surtos epidemicos apparecem periodicamente, após duas, tres e mais dezenas de annos (...) (A gripe [...], 1925, p. 1)

Todavia, sem convencer-se das explicações científicas e governamentais, nos primeiros meses de 1926 a imprensa santista associou a morte de gripados no município de Cabo Frio-RJ, ao retorno da "Hespanhola" (Está grassando [...], 1926, p. 1). E se as autoridades federais não detinham a doença nas imediações da capital do país, fazia-se preponderante conamar a opinião pública ao risco iminente de nova invasão epidêmica, e cobrar do poder central e do órgão estadual as devidas providências sanitárias.

Dessa feita, acionar a memória da Gripe Espanhola e apontar a ineficiência dos órgãos de Saúde Pública no decurso da catástrofe de 1918, tornava-se crucial:

É necessario desenvolver a maior vigilancia em torno dos navios que aportam á nossa bahia, vindos de toda a parte do mundo, quando procedentes de paízes ou localidades sujos ou suspeitos, afim de que nos não aconteça uma desgraça semelhante á que nos affligiu por occasião da pandemia de gripe hespanhola que avassalou esta cidade e se propagou por todo o paiz pela imprevidencia e pela desidia da nossa Saude Publica, não impondo medidas de defesa e de prophylaxia aos navios em que verificavam casos daquelle enfermidade, que nos proporcionou a mais intensa lethalidade aqui conhecida. (...)

Cruzar os braços deante do perigo que nos ameaça seria uma condemnavel e criminosa imprevidencia, negligencia e desidia, para as quaes, aquelles aquem está confiada a guarda da saude publica, não poderiam encontrar escusas ou defeza. Alerta, pois (É necessario [...], 1926, p. 1).

Estrategicamente, referendava-se o alerta e pautava-se o risco sanitário local como questão para a agenda do DNSP e para a gestão do Diretor Geraldo de Paula Souza, então à frente do Serviço Sanitário de São Paulo.

2.1 Evocação e reelaboração da memória epidêmica

Viva na memória do corpo social e individual e recriada no tensionamento entre instituições, concepções científicas, tecnologias em saúde e contingências populacionais, a Gripe Espanhola seguiu em entrelaçamentos de um *Déjà vu* com um devir ao sabor do tempo e dos ventos...

A esse tempo, houve flagrante compreensão de que o arranjo do DNSP - embora refletisse aumento significativo da capacidade do poder central em implementar políticas públicas de saúde- não alcançaria de fato a população pauperizada e periférica do país. E ao ser mero arremedo para a questão social, a transmissão de doenças inevitavelmente se alargaria pelo território nacional.

Nessa perspectiva, a denúncia do periódico santista acerca do descontrolado adoecimento e da destituição humana que cercava as periferias cariocas, revela o medo constante de que outra epidemia tão devastadora quanto a de 1918 chegasse pelo mar ou pela terra, na comunicação entre portos e ferrovias, e se alastrasse por toda Santos:

Cartas do Rio.

Junho, 20 - É afflictivo o estado sanitario dos subúrbios do Rio de Janeiro. Lavram doenças temerosas nos arrabaldes da capital. Algumas, endémicas, de surto ameaçador, celebres nos annaes funerarios da metropole rondam o centro urbano, batendo ás portas pobres, presa preferida para a devastação que não perdôa...E é a escarlatina, é o crup, é a varíola!

O Departamento Nacional de Saúde Pública não pôde deixar de volver os olhos para a situação, cuja gravidade já não é possível disfarçar. Morre-se nos subúrbios. As epidemias como que ensaiam o seu terrível poder destruidor. E ellas vencerão, senão lhe accudirmos com o necessário combate.

A assistencia sanitaria aos bairros afastados é de premente oportunidade.

Adial-a seria expôr a população do Distrito Federal aos maiores riscos. Nem se compadece com os mais comesinhos princípios de prudencia a inactividade diante do perigo.

Basta-nos, para experiencia, a de 1918. A gripe chegou de viagem perfeitamente desapercebida, e installou-se, á vontade entre nós, de

geito a só se tratar de debellal-a quando os cemiterios não comportavam mais cadáveres. E os resultados ainda nos parecem vivos, espantosos, horrorizantes. Poucos lares não lhe guardam a memória do luto, que os oprimiu.

Desta vez, o mal não se abeira por via marítima, nem vem de longe. Está quasi em casa. Grassa nos arredores. O clamor que sob da zona suburbana azucrina-nos os ouvidos. Não é o boato inofensivo, senão o facto em toda a sinistra realidade (Cartas [...], 1926, p. 1).

Como mescla de representações que se configuravam e se reconfiguravam em torno da Gripe Espanhola e do gripado a depender de intenções e circunstâncias, a memória epidêmica em Santos, preencheu-se de utilitarismo para o controle de suas fronteiras.

Às vésperas de completar uma década da passagem da Gripe Espanhola e com alterações anunciadas no Serviço Sanitário de São Paulo, a memória epidêmica se expressou sequencialmente na imprensa santista.

Ora matérias conferiam ênfase às necessárias providências entre o órgão sanitário paulista e o DNSP, diante de uma ameaça gripal:

O sr dr José Lobo, Secretario do Interior, em vista das notícias telegraphicais sobre a devastação que a gripe está operando na Europa, conferenciou com o sr. dr. Geraldo de Paula Souza, director geral do Serviço Sanitário, combinando medidas que o caso exige.

Devidamente autorizado, o dr Paula Sousa já entrou em entendimento com o director do Departamento Nacional de Saúde Pública, professor Clementino Fraga (A gripe [...], 1927a, p. 1).

Ora apelavam à sétima arte para reconvocar as imagens do sofrimento e propagar o avanço científico da profilaxia gripal:

A gripe e o film

Esta sendo exhibido, na Alemanha, com grande sucesso, um film da Ufa, reconstituindo as cenas dolorosas da gripe espanhola na Europa, ao tempo em que mostra os meios pelos quais pode ser evitado o contagio dessa doença.

O film foi confeccionado pelo dr Kaufmann que, por esse motivo, tem recebido grande numero de felicitações (A gripe [...], 1927b, p. 3).

Conjuntamente às mudanças na organização do Serviço Sanitário de São Paulo e ao acirramento da crise política e cafeeira do final da década de 1920, a Gripe Espanhola completou seu primeiro decênio invitada pela opinião pública santista. Momento em que em matéria de capa, a imprensa santista

tensionou poderes públicos para o isolamento de navios oriundos dos Estados Unidos da América do Norte:

Uma ameaça da gripe já não é uma simples alegação. As noticias telegraphicas que nos chegam dos Estados Unidos, são de molde a prevenir as nossas autoridades sanitarias. Ainda estão na memoria de todos os aspectos horrorosos da pandemia de 1918. Uma vez invadida a cidade, os esforços de defesa preventiva e aggressividade se baldarão inteiramente. Na luta desigual, uma coisa ficou demonstrada, e era que, deante da gripe, só a resistencia pelo isolamento poderia produzir effeito. Não nos consta que as autoridades sanitarias tenham já tomado providencias no sentido de submeter a regimen rigoroso os navios vindos dos Estados Unidos. As noticias são alarmantes. (...) Não se comprehende que os navios vindos dos Estados Unidos tenham franco accésso nos nossos portos. A vigilancia sanitaria deve ser a mais energica. Nós temos o rude exemplo de 1918 e elle nos ensina que, no caso de gripe, vale muito mais prevenir... (Uma ameaça [...], 1928, p. 1).

Apenas três dias depois, a Gripe Espanhola emplacou mais uma vez as páginas do jornal santista para demonstrar a apreensão da população carioca, credibilizar o risco e ampliar a pressão sobre as autoridades sanitárias estaduais e federais:

Rio, 21. As recentes informações telegraphicas dos Estados Unidos e da Inglaterra, dão-nos conta das assustadoras proporções que naquelles dois paizes attingiu a nova epidemia de gripe. (...)

A imprensa, registando destacadamente a rapida propagação da gripe tem aconselhado o publico a tomar as necessarias medidas de precaução e solicitar toda a attenção das autoridades sanitarias do paiz, afim de que seja evitado o contagio entre nós (A epidemia [...], 1928, p. 8).

Faz-se aqui essencial contextualizar os editoriais santistas do período.

Até os anos de 1920, Santos foi uma das poucas cidades do país que ultrapassou 100 mil habitantes ao criar e abrigar fortunas com a exportação de café. Com a comercialização de mais de 3 milhões de toneladas do produto no porto e os desafios da superprodução, a ruptura do pacto entre as oligarquias paulista e mineira, em 1928, e a quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, a praça santista ressentiu sobremaneira a falência em massa de cafeicultores paulistas (Pimenta, 2002).

Tensão acompanhada pelo afluxo de desempregados para centros urbanos, emergência de lutas sociais e políticas - fruto de novos segmentos de trabalhadores -, derretimento do coronelismo e erosão do Partido

Republicano Paulista (PRP). Quadro agudizado em Santos pelas perdas sucessivas do protagonismo local no cenário estadual e federal, radicalização do movimento operário e constantes transformações no SSSP.

Fatores que se somaram ao desmoronamento do Morro do Monte Serrat, em 1928, com inúmeras mortes e destruição de enfermarias, necrotério e cozinha do prédio primitivo da Santa Casa de Misericórdia da cidade. Situação que comprometeu a assistência e os serviços de saúde santistas e a defesa sanitária das fronteiras da cidade.

Nessa circunstância, operar dramaticamente a memória da Gripe Espanhola em Santos, lembrando por onde uma epidemia poderia chegar e devastar o estado e o país, compunha retomada de participação da cidade em agenda política estadual e federal. Se não mais pelo prestígio da economia cafeeira e da infraestrutura portuária, ao menos pela ameaça coletiva, cujas ações de controle e defesa de fronteiras deveriam se sobrepor às contendidas políticas do período.

Nos anos seguintes, com a ascensão de regimes totalitários e a iminência de uma Segunda Grande Guerra, a Gripe Espanhola retomou seu lugar na memória social da cidade e do país como representação de ameaça, risco e desconfiança expressa em símbolos.

3. Considerações Finais

Buscou-se apresentar o impacto provocado pela epidemia de Gripe Espanhola de 1918 na estrutura social de Santos, em sua dramaticidade, extensão e intensidade. Apontou-se o tensionamento da Gripe Espanhola sobre o discurso da excepcionalidade sanitária paulista e os limites estruturais, fragilidades e equívocos na implementação de seu projeto sanitário – em especial o de sua interiorização.

A dispersão populacional e a vastidão territorial da Delegacia de Saúde de Santos – assim como apontado por Ribeiro (2020) em seus estudos sobre a Delegacia de Saúde de Botucatu -, associadas às dificuldades de locomoção na epidemia e o colapso do Serviço Sanitário na capital paulista, levaram populações afastadas ao abandono. O que contraria o discurso de prontidão socorrista defendido pelos órgãos estaduais em relatórios oficiais, após a borrasca epidêmica.

Para as décadas seguintes, discutiu-se os imbricamentos da Gripe Espanhola no processo histórico, a partir da comunicação entre o medo, a percepção do risco, as práticas assistenciais, as condições médico-sanitárias e o aprofundamento das iniquidades.

Explorou-se a representação e a circulação da memória epidêmica, enquanto objeto cuja “imagem” foi estrategicamente reposta e reelaborada em formas e conteúdos textuais. Operação que permitiu historicizar a produção e a intencionalidade desta rememoração, bem como, compreender que o embaraçamento dos tempos dentro de uma razão histórica se deu na prática cotidiana individual e coletiva (Chartier, 1991, p.184; Fowler, 1991, p. 59; Chartier, 2002a, p. 17, Chartier, 2002b, p. 63; Le Goff, 2003; Candau, 2011, p. 69; Certeau, 2014, p. 150).

Se outrora entendeu-se a gripe como doença corriqueira, após a Gripe Espanhola cada visita cíclica de Influenza trouxe à tona a experiência da dor e do luto, concomitantemente ao sentimento de morte à espreita e comportamento de alerta, muitas vezes transmutado em pânico. O que permite sustentar que esta epidemia mudou a percepção social da Gripe, modulada entre outros elementos pela representação do perigo externo e interno no território, atrelando-se às fronteiras geográficas e simbólicas.

Considerando a articulação de diferentes dimensões temporais (Braudel, 1992) e que mudanças insensíveis prevalecem sobre o que se vê (Vovelle, 2005), conclui-se que Gripe Espanhola não encontrou o seu fim. A Gripe Espanhola avançou no tempo e incorporou-se às entradas da sociedade, conformando-se em evento histórico de longa duração, de onde se propõe a redefinição do Tempo Histórico oficial desta epidemia.

Tomando as relações de poder e de sociabilidade nas febres conjunturais; o caráter asilar dos hospitais para gripados; a sobreposição de epidemias; os expressivos focos de infecção epidêmica em áreas periféricas; a profusão de homens, mulheres e crianças negros em internação ou em peregrinação por socorro, aponta-se imperioso que a raça, o racismo e a infância – particularmente a orfandade epidêmica - tornem-se objetos contundentes em escritas historiográficas sobre a Gripe Espanhola. E que assim nos permitam analisar e enfrentar as iniquidades em nossa formação sócio-histórica.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Referências

A CRUZ Vermelha - A melhor commemoração do Dia de Finados. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 23, p. 2, 2 nov. 1918.

A EPIDEMIA da gripe nos Estados Unidos é muito grave. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno XIII, nº 3194, p. 8, 21 dez. 1928.

A GRIPPE hespanhola. Uma ideia feliz. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno I, nº 273, p. 1, 12 nov. 1918a.

A GRIPPE na zona Juquiá. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 19, p. 2, 28 out. 1918b.

A GRIPPE "hespanhola". A gripe em Juquiá - Falta de soccoro á população. **A Gazeta**, Santos, Anno I, nº 279, p. 4, 20 nov. 1918c.

A GRIPPE em Iguape. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 52, p. 1, 1 dez. 1918d.

A GRIPPE "espanhola". Delegacia de Saúde. **Gazeta do Povo**, Anno I, nº 286, p. 1, 29 nov. 1918e.

A GRIPPE em São Sebastião. Egualdade de gostos. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno II, nº 304, p. 1, 20 dez. 1918f.

A GRIPPE em Juquiá - O povo morre a falta de recursos e a delegacia de Saude cruza os braços. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno II, nº 304, p. 1, 20 dez. 1918g.

A GRIPPE recomeça a sua devastação. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 151, p. 1, 18 mar. 1919.

A GRIPPE epidemica não se repetirá no Brasil - Palavras do Director da Saude Publica. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno VIII, nº 2104, p. 1, 30 jan. 1925.

A GRIPPE - O governo do Estado toma providencias. **Gazeta do Povo**. Santos, Anno X, nº 2646, p. 1, 17 jan. 1927a.

A GRIPPE e o film. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno X, nº 2714, p. 3, 19 abr. 1927b.

A INFLUENZA hespanhola. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 4, p. 2, 13 out. 1918a.

A INFLUENZA hespanhola está grassando em Santos. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 7, p. 2, 16 out. 1918b.

A INFLUENZA Hespanhola. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 10, p. 2, 19 out. 1918c.

A "INFLUENZA hespanhola". **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 149, p. 2, 16 mar. 1919.

ALVARO, G. Cruz Vermelha Brasileira. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 56, p. 2, 5 dez. 1918.

ÁLVARO, G. **A Campanha sanitária de Santos suas causas e seus efeitos**. São Paulo: Edição do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo/Casa Duprat, 1919.

AS SOBRAS do... Resto. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 45, p. 1, 24 nov. 1918.

AS VISITAS aos cemiterios foram proibidas. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 17, p. 2, 26 out. 1918.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. In: BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 41-78.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARTAS do Rio. **A gripe**. Gazeta do Povo, Santos, Anno VIII, n° 2133, p. 1, 10 mar. 1925.

CARTAS do Rio. **O surto epidemico no Rio**. Gazeta do Povo, Anno IX, n° 2506, p. 1, 1 jul. 1926.

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2014. [22^a Ed.].

CHARTIER, R. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados. v. 11, n° 5, 1991. pp. 173-191.

CHARTIER, R. **A beira da falésia**: a história entre incerteza e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002a.

CHARTIER, R. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002b.

CONCURSO cívico - Os Grandes benemeritos da cidade - Dr Guilherme Alvaro. **Diario de Santos**, Santos, Anno LIX, n° 153, p. 1, 21 abr. 1931.

CRUZ vermelha Brasileira. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno I, n° 273, p. 1, 12 nov. 1918a.

CRUZ vermelha Brasileira - filial em Santos. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 9, p. 2, 18 out. 1918b.

CRUZ vermelha Brasileira - filial em Santos. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 10, p. 2, 19 out. 1918c.

CRUZ vermelha Brasileira – filial em Santos. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 12, p. 1, 21 out. 1918d.

CRUZ vermelha Brasileira – filial em Santos. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 13, p. 1, 22 out. 1918e.

DE IGUAPE. **Diario de Santos**, Anno XLVII, nº 83, p. 2, 2 jan. 1919.

DOENÇA da...pellação. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno II, nº 332, p. 1, 27 jan. 1919.

É NECESSARIO desenvolver a maior vigilancia em torno dos navios... **Gazeta do Povo**. Santos, Anno IX, nº 2425, p. 1, 10 mar. 1926.

ESTÁ GRASSANDO em Cabo frio, a "Hespanhola". **Gazeta do Povo**, Santos, Anno IX, nº 2401, p. 1, 8 fev. 1926.

FOWLER, R. **Language in the News**. Londres: Routledge, 1991.

GAMBETA, W. R. **Soldados da saúde**: a formação dos serviços de saúde pública em São Paulo, 1889-1918. 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

GUIMARÃES SOBRINHO, A. F. **Santa Casa de Misericordia de Santos**. Relatorio do Anno compromissal de Julho de 1918 a Junho de 1919. Santos: Typ. do Instituto "D. Escholastica Rosa", 1920.

INFLUENZA hespanhola. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 12, p. 1, 21 out. 1918a.

INFLUENZA hespanhola - Delegacia de Saude. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 40, p. 6, 19 nov. 1918c.

INFLUENZA hespanhola. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 17, p. 1, 26 out. 1918b.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. [5^a Ed.].

MANIFESTAÇÕES ao Cel. Joaquim Montenegro. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 71, p. 2, 20 dez. 1918.

MARQUES, A. J. Trabalho e Trabalhadores no Brasil durante a Gripe Espanhola de 1918. **Politeia** – História e Sociedade, v. 19, nº 2, jul.-dez. 2020. pp. 241-262.

MOTA, A. **Tropeços da medicina bandeirante**: medicina paulista entre 1892-1920. São Paulo: EDUSP, 2005.

NA BOCAINA. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, nº 12, p. 1, 21 out. 1918.

NASCIMENTO, N (Deputado pelo Distrito Federal). Do Rio. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 22, p. 2, 1 nov. 1918.

NOTAS. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 34, p. 2, 13 nov. 1918a.

NOTAS. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 72, p. 2, 21 dez. 1918b.

O QUE se impõe. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 14, p. 1, 23 out. 1918.

PELA EDILIDADE. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno II, n° 531, p. 4, 24 set. 1919.

PELO AMOR de Deus... A gripe em Juquiá. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno I, n° 292, p. 1, 6 dez. 1918.

PIMENTA, M. A.; (Ed.). **Caminhos do mar**: memórias do comércio da Baixada Santista. São Paulo: Museu da Pessoa, 2002.

PORQUE recrudece a epidemia? - Limpeza domiciliaria - Resguardo pessoal - Direta dos enfermos. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 21, p. 2, 31 out. 1918.

RIBEIRO, M. A. R. **História Sem fim... Inventário da saúde pública**. São Paulo: Unesp, 1993.

RIBEIRO, A. C. R. C. **Entre alcunhas, altares e alcovas**: a Gripe Espanhola na Boca do Sertão Paulista. Botucatu, 1918. Mestrado (Dissertação em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2020.

RIBEIRO, A. C. R. de C. **Dos fios nas fibras, dos rastros nas fímbrias**: uma epidemia sem fim. Gripe Espanhola, 1918-1938. 2025. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SUICÍDIO. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 17, p. 2, 26 out. 1918.

UM PERIGOSO fôco de infecção. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 21, p. 2, 31 out. 1918.

UMA AMEAÇA alarmante. **Gazeta do Povo**, Santos, Anno XIII, n° 3191, p. 1, 18 dez. 1928.

UMA CARTA do chefe da Delegacia de Saude. **Diario de Santos**, Santos, Anno XLVII, n° 25, p. 2, 4 nov. 1918.

VIEIRA, M. T. B. P. **O asilo de órfãos de Santos na engrenagem da cidade (1908-1931)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011.

VOVELLE, M. A história e a longa duração. In: LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. **A História nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [5^a Ed.].